

O Sotaque do Porto

Arnaldo Saraiva

Na primeira manhã que passei no Porto, não resisti ao apelo que sempre me vem dos rios - ou das margens. Perdido no largo dos Leões como numa selva, que é qualquer cidade quando a não conhecemos, ou mesmo depois, demorei-me a olhar o postal ilustrado dos Clérigos e, consultado o mapa, derivei para a Rua dos Caldeireiros, sem saber que se chamara do Souto, desci-a a correr, os santos ajudavam, e os odores, e as pobres mulheres encostadas a portas suspeitas, fui parar à Rua das Flores, onde não enxerguei as ditas, salvo as de ouro das vitrinas ou as de ferro forjado das varandas desertas (não tive a sorte do Abade de Jazente, que nelas vira meninas perfumantes), cruzei a rua de Mouzinho da Silveira para espreitar a Rua dos Pelames, de nome igual àquela em que nasci (só que a da minha aldeia a diziam dos Pelomes), enfiei-me por ruelas escusas e degraus degradados, com casas encavalitadas e já mal sustentadas pelo granito secular, e, de repente, o sol do Verão, que rompera uma nuvem, ofereceu-me os reflexos da prata do Douro e dos telhados avinhados de Gaia. Foi um deslumbramento, que o arco de triunfo da ponte prolongou, e que só interrompeu o alarido que vinha do cais, como se fosse da Ponte das Barcas, e a contemplação das águas poluídas onde se perdiam os anzóis de pescadores melancólicos ou ensonados e para onde saltavam meninos tão destemidos como fora o Duque.

Eu já ouvira falar no Mercado da Ribeira, mas não o imaginava assim, mais sórdido e apinhado do que o de uma vitória do interior ou do que o de S. José do Recife, cujas ruas e casas chegam a lembrar as do Porto, como lembrou Veiga de Oliveira. Ao lado e debaixo das arcadas, voltando as costas ao rio que, disse o Conde d'Aurora, o burguês tripeiro odeia como o alfacinha odeia o Tejo, amontoavam-se tendas e barracas, bem mais frágeis e deselegantes do que as de agora, onde confusamente se vendiam louças, têxteis, hortaliça, cassetes, flores, plásticos, sementes, ferragens, bebidas, brinquedos, peixes, bolos e frutos.

Avancei como pude, aos ziguezagues, sem poder evitar pisadelas e cotoveladas, maus cheiros e poças de água. E estava junto de uma pequena banca de laranjas, à guarda de uma menina de uns dez anos, quando passou um garoto que parecia saído do *Aniki-Bobó* (do filme, que o bar ainda não existia) e que deitou sem querer duas ou três laranjas ao chão. A menina apanhou logo uma e ameaçou atirá-la à cabeça do gaiato, enquanto gritava alto e bom som: "Olha que te fuado!! Olha que te fuado!".

Esta cena bastou para me fazer ver a força do sotaque do Porto, que extensamente apreciaria em conversas ou gritos ouvidos nos jardins da Cordoaria, ou no Bolhão, ou no Estádio das Antas, ou nas ruas. Porque o sotaque do Porto (do Puarto) não era só feito pela ditongação crescente do "e" e do "o" fechados, nem pela troca dos "vv" pelos "bb" e do "õ" pelo "ão", nem pela abertura de algumas vogais que o resto do país fecha, nem por uma gutural pronúncia ou melodia que o Esteves captou bem. O sotaque do Porto é também um léxico especial (carapins, cimbolino, morcão, trengo, bufar, andrades...), e é, sobretudo, o uso franco e desenvolto da língua portuguesa, inclusivamente por parte de mulheres e crianças, que também têm o direito à herança dos bons trovadores de escárnio e maldizer que houve na região do Baixo Minho e do Douro Litoral.

Essa região - a região do Porto - escreveu Lindley Cintra que "tem no aspecto fonético uma personalidade muito vincada". A fonética é um pormenor, ou um sinal exterior, como o das tripas, ou o das contas. De tal modo que o tripeiro até pode perder as marcas dialectais, sem perder o outro sotaque, bem mais relevante. Aquele sotaque de que falava o recifense João Cabral de Melo Neto a propósito de Manuel Bandeira, que também nasceu no Recife (e já disse como o Recife se parece com o Porto): "Certo sotaque do ser, / acre mas não espinhadiço, / que não pôde desaprender / nem com sulistas nem no exílio".

in *O Sotaque do Porto*, Edições Afrontamento, Porto, 1995.